

O IMPÉRIO BRASILEIRO E A GUERRA DO PARAGUAI. A NAÇÃO E SEUS PROTAGONISTAS: A PRESENÇA DE BENJAMIN CONSTANT NA GUERRA DO PARAGUAI

Ana Paula Squinelo

Doutoranda em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, professora e coordenadora do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Coxim.

A questão da nação, da nacionalidade e da identidade nacional permeou as discussões durante o século XIX no Império Brasileiro. A necessidade de se criar uma visão de uma nação moderna, civilizada e progressista contrastava com a realidade nacional. Esse discurso foi colocado em “xeque” sobretudo na campanha contra o Paraguai (1864-1870). Nesse artigo analiso as cartas escritas durante a Guerra do Paraguai por um de seus protagonistas, isto é: Benjamin Constant Botelho de Magalhães, e através de suas impressões sobre o conflito apresento inúmeros aspectos da Guerra que divergiram do discurso nacional, como por exemplo: a falta de estrutura dos exércitos envolvidos, a morosidade que caracterizou a campanha, o desconhecimento da geografia do teatro de operações, a inexperiência dos comandantes etc.

Palavras-chave: Cartas, Guerra do Paraguai, Benjamin Constant.

The Brazilian Empire and the War of Paraguay. The nation and your protagonists: Benjamin Constant presence in the War of Paraguay. The subject of the nation, nationality and the national identity permeated the discussions during the XIX century in Brazilian Empire. The need of creating a vision of a modern, progressist and civilized nation contrasted with the national reality. That speech was placed above all in “check mate” in the campaign against Paraguai (1864-1870). In this article I analyse the letter written during the war of Paraguai by one of it’s protagonists: Benjamin Constant Botelho de Magalbaes, and through his impressions about the conflict I present several aspects of the war that diverged from the national speech, example: the lack of the structure of the army involved, the slowness that characterized the campaign, the ignorance of the geography of the operations theater, the unexperience of the commandants etc.

Keywords: Letters, War of Paraguai, Benjamin Constant.

“[...] a minha muito prezada esposa e amiga está acima de Deus, acima da pátria, acima de mim, acima de tudo. Só a minha honra e o meu dever estão acima de minha família”.

Benjamin Constant, fevereiro de 1867.

TECENDO A NAÇÃO

As palavras que servem como epígrafe nesta reflexão foram escritas por Benjamin Constant e endereçada à sua esposa, que carinhosamente chamava de “minha amiguinha”, expressa, ao menos em parte, o pensamento que imperava entre o meio militar e outras camadas da sociedade brasileira durante o século XIX, qual seja a crença que existia por parte desses indivíduos a necessidade de contribuir para a construção e a defesa da Nação.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães, nascido na então província do Rio de Janeiro viveu essas inquietações e ambigüidades que transcorreram o Império brasileiro. Entre outras aptidões foi professor de matemática e na carreira militar alcançou a patente de general-de-brigada.

Ao eclodir os ecos da Guerra do Paraguai no Prata, Benjamin Constant, contava apenas com 29 anos de idade, no entanto, mesmo sem possuir uma experiência militar, e envolvido pelo contexto àquela época, no qual parte dos homens e, sobretudo, dos militares brasileiros viam-se diante da dualidade de ser identificado como “covarde” ou como “patriota”, Constant foi convocado e, posteriormente, atuou no conflito platino: primeiro, na fiscalização dos fornecimentos, e segundo, na Comissão de engenheiros.

De acordo com Lemos, Benjamin Constant, como combatente:

“[...] mostrou-se essencialmente envolvido pelo clima de patriotismo e pela febre anti-López que se disseminava entre os brasileiros como elemento de mobilização nacional. Nunca questionou o mérito da guerra, apenas a orientação que a ela imprimiam as elites militares e civis brasileiras” (Lemos, 1999:14).

Durante o tempo que permaneceu no teatro de operações – 25 de agosto de 1866 a setembro de 1867 – Constant esteve diante da dura e cruel realidade da Guerra. Talvez com o intuito de amenizar

seu sofrimento e solidão, manteve uma assídua correspondência com sua esposa, seu sogro, seu irmão e alguns amigos.

Parte dessa correspondência, ainda hoje preservada, foi utilizada para redigir sua primeira biografia, bem como para dar origem a outras reflexões. Recentemente 67 (sessenta e sete) dessas cartas foram transcritas, organizadas e publicadas na íntegra. Tal publicação oferece ao historiador a oportunidade de colocar-se em contato com um material que, se bem analisado, pode oferecer uma visão crítica e diferenciada em relação à Guerra do Paraguai.

Ao trabalhar com cartas, ao contrário das memórias e/ou reminiscências, o estudioso defronta-se com informações e impressões que quem as redigiu não visava torná-las públicas. Nesse sentido, nas cartas de Benjamin Constant encontramos um indivíduo inserido em uma estrutura militar, mas que é capaz de avaliá-la, julgá-la e até mesmo criticá-la.

Para Lemos essas cartas caracterizam-se:

“Como registro da experiência humana, [...] são uma porta de entrada nesta totalidade resultante de inúmeros vetores individuais e coletivos: um homem e suas circunstâncias, da intimidade à vida pública. Resultam do olhar de um indivíduo no olho do furacão, aonde chegou por tortuosos caminhos subjetivos” (Lemos, 1999:13).

E, completa:

“As cartas, são portanto, um produto histórico que se atualiza. Nelas Benjamin Constant surge na plenitude de seu tempo social, flagrado num momento total cuja importância para os rumos da formação social brasileira não se reduziria ao impacto da conjuntura. Elas enfatizam a dimensão social e política” (Lemos, 1999:17).

Em suas cartas, Constant, mostrou-se transparente e teceu críticas a inúmeros aspectos da Guerra, como, por exemplo, sua morosidade, as atitudes dos comandantes, a questão do abastecimento, da infra-estrutura, entre outros.

É nesse ponto que desejo chamar a atenção em torno da contradição existente entre o discurso elaborado pelo Império ao longo do século XIX, em torno da nação, isto é, a Guerra como elemento integrador e necessário à nação, e a realidade que os

protagonistas do conflito platino defrontaram-se nos campos de batalha.

No cenário imperial foi propagada uma imagem de que a Guerra era necessária e inevitável, mas que seria efêmera, portanto, a necessidade de reunir todos os esforços para combater e derrotar o “tirano” paraguaio Solano López.

Schwarcz elaborou uma reflexão interessante sobre o impacto que essas imagens/discurso teriam em relação à população brasileira. Analisando o encontro de D. Pedro II, Mitre e Flores, ocorrido em Uruguaiana em 1865, apontou:

“[...] Imagine-se o espanto desses dois dirigentes ao se deparar com o imperador usando trajes militares, à frente de sua “barraca real”, e tendo o sr. Francisco Pinto de Mello na função de mordomo. Ou imagine-se a comoção nacional que anunciavam a guerra” (Schwarcz, 1998:302).

Ou ainda:

“[...] A cavalo com chapéu, ou portando uma pequena luneta com um cenário de batalha ao fundo, ou com boné e botas de militar, ou usando um grande casaco sobre o paletó bordado de ramos de café, ou cercado de criança o monarca simboliza a nação em guerra” (Schwarcz, 1998:316-17).

Fica claro, portanto, que o século XIX foi marcado por transformações e convulsões, caracterizando-se ainda, pela ascensão e queda do Império, como também pela preocupação de grande parte dos intelectuais brasileiros em pensar as questões em torno da nação, da nacionalidade e da identidade nacional. Barbárie x civilização; atraso x progresso; sertão x litoral; modernidade entre outras questões fez parte do “metiê” das discussões nacionais e da preocupação em construir um projeto de nação.

Opondo-se a esse discurso que focalizava uma nação moderna, progressista e industrializada, foi a realidade que inúmeros brasileiros encontraram no cenário que se desenrolou a Guerra do Paraguai. Militares como Alfredo d’Escagnolle Taunay, André Rebouças, Evangelista de Castro Dionísio Cerqueira e Benjamin Constant, homens que viveram a ascensão, consolidação e queda do Império de Pedro II, enfrentaram no teatro de operações as oposições e ambigüidades que feriram o discurso nacional.

Sertão desconhecido, território inóspito, despreparo militar, disputas políticas advindas do contexto de cada nação que recém formava-se: Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai levaram esses protagonistas a (re) pensarem os destinos da Guerra e, conseqüentemente, da nação. Em suas obras, registraram suas impressões, ou aquilo que desejaram legar à posteridade.

O OUTRO LADO DA GUERRA...

Havia uma crença por parte do Brasil, Argentina e Uruguai que o conflito platino duraria poucos meses. Tal crença foi sendo abalada no desenrolar dos acontecimentos e na morosidade que caracterizaria a Guerra, estendendo-a por longos e exaustivos cinco anos.

As mazelas e crueldades enfrentadas por ambos exércitos – aliados e Paraguai – fizeram com que, no Império brasileiro, tanto a imagem da Guerra, como a do Imperador comesçassem a se desgastar. A Guerra, finalmente, tornava-se impopular. Mas o que explicaria tal fato?

As narrativas de Taunay, de Cerqueira e de Rebouças nos acenam com vários indícios.

Benjamin Constant em suas cartas deixou clara sua decepção diante das adversidades e cruezas geradas pela Guerra. No Império brasileiro foi propagada uma visão de um Exército que estava apto a enfrentar o conflito e a lançar-se na “aventura platina”. Em uma de suas cartas redigidas a 23 de janeiro de 1867, cujo endereçado era seu pai, Constant reprimiu severamente a desorganização, falta de estratégia e morosidade que se desenvolvia a Guerra:

“[...] Agora vamos descansar e dar tempo ao inimigo que se fortifique para avançar depois mais um bocadinho (cavalheirismo Brasileiro). O que me parece mau é que neste passo de *tartaruga* os nossos soldados e oficiais vão desaparecendo debaixo do fogo das guerrilhas e tiroteios das avançadas, pois os Paraguaioes ocultos na mata atrás dos paus vão zombando da bravura com que atacamos a peito descoberto” (Constant *In* Lemos, 1999:91).

Ou ainda em outra carta datada de 23 de janeiro de 1867:

“[...] um exército invasor que não quer que se provoque o inimigo recebendo sempre em 1º lugar o fogo do inimigo invadido e respondendo com acanhamento por ordem superior (energia!), um marasmo completo nas operações de uma guerra ofensiva” (Constant *In* Lemos, 1999:92).

Vale lembrar que Benjamin Constant não atuou no *front* ou na frente de batalha, e sim, como membro da Comissão de Engenheiros do 1º Corpo do Exército, contudo, não se eximiu de expressar em suas cartas sua opinião sobre o teatro de operações. Talvez tal distanciamento fez com que muito cedo se decepcionasse com a vida militar.

Para Lemos, o positivista e ativista do movimento republicano, ingressou:

“[...] na carreira militar para completar os estudos e obter uma profissão que merecesse algum reconhecimento social, definia-se, já no Paraguai, como um militar sem vocação, cujo ideal de vida era trabalhar no magistério e dedicar-se à família” (LEMONS, 1999:97).

Sua percepção do conflito platino aliado a liberdade e transparência com as quais redigiu suas cartas, permitiu-lhe, inclusive, tecer duras críticas ao então Marquês de Caxias imortalizado na história brasileira como o grande condutor do Exército brasileiro. Em uma de suas cartas redigidas em fevereiro de 1867 para sua esposa, registrou o seguinte depoimento sobre Caxias:

“[...] Estou com vontade de ir servir no Segundo Corpo de Exército porque ao menos não assisto ao espetáculo hediondo que aqui dá todos os dias o servilismo mais imundo. Não quero, não posso, não devo assistir calmo, a sangue frio a este quadro miserável que aqui se dá todos os dias. Ver uma nulidade estupidamente empoleirada no ponto mais elevado de nossas posições oficiais escoiceando a todos os homens de verdadeiro merecimento, e envergonhando o século em que vivemos com as contínuas e hediondas cenas do despotismo o mais brutal. Desgraçado país onde se levanta para a estupidez e falta de mérito um exemplo tão animador e para o homem de merecimento real, para aqueles que pautam os atos de sua vida pelos severos princípios do dever e da honra, tantas contrariedades, tantos tropeços, tantos exemplos de desânimo. Já debes saber pelo que te acabei de dizer que queria falar de Caxias, desse homem que é neste século uma verdadeira aberração de todas as leis sociais” (Constant *In* Lemos, 1999:97).

Além das críticas pessoais referentes a Caxias, Benjamin Constant apontou a situação precária a que esteve sujeita as tropas aliadas sob o comando do militar brasileiro. No que tange as doenças das quais foram alvo os soldados aliados, apontou que:

“[...] Quando baixarem as águas que com as enchentes dos rios inundam todos estes campos, começarão as febres intermitentes, tifóides e outras, a sua devastação. As febres intermitentes já começam a aparecer; mas enquanto não alcançam seu máximo de intensidade, outras epidemias vão se entretendo com o nosso Exército. Entre elas há uma que veio surpreender a medicina, que em sua precisão não podia nem sonhar, e que não tem encontrado entre os seus recursos meio de combatê-la. O indivíduo que é atacado por esta enfermidade trata logo de pôr-se bem com Deus, porque sua morte é certa. Começa ela por uma inchação nos pés que dura alguns dias; depois esta inchação apossa-se subitamente de todo o corpo, sufoca o indivíduo, dando-lhe uma morte desesperada [...]” (Constant *In Lemos*, 1999:94-95).

Aos soldados acometidos por tais doenças, ou outras que não são registradas por Constant, restava o atendimento nos hospitais, que via de regra, eram improvisados e careciam de infra-estrutura para garantir um tratamento adequado aos doentes. Sobre tal questão Benjamin Constant teceu os seguintes comentários:

“[...] Mandei dois ofícios ao Chefe da Comissão de Engenheiros e outro ao Caxias pintando a [relaxação] e os desmandos que ali encontrei com a franqueza e independência que foram e serão sempre a norma de meu procedimento. Disse algumas verdades que nada têm de boas e ainda hoje tive com o chefe do corpo de saúde, alguns médicos e o diretor do hospital uma forte questão sobre o modo desumano e mais que bárbaro por que aqui são tratados os infelizes doentes e feridos que ia se tornando séria [...]” (Constant *In Lemos*, 1999:96).

E, também: “[...] Para cúmulo de infelicidades, o estado sanitário do Exército é mau, e vai se tornando cada vez pior. Os hospitais regurgitam de doentes e são já insuficientes para contê-los [...]” (Constant *In Lemos*, 1999:94).

Homens como Taunay, Rebouças, Cerqueira e Constant, protagonistas da Guerra, observaram, analisaram e registraram suas impressões relativas ao meio físico-geográfico com o qual se depararam. A disparidade da vida da corte, isto é, as contradições entre o

litoral, o sertão e as terras litigiosas colocaram-nos diante de imagens até então desconhecidas. Taunay, em seus escritos, legou-nos uma ampla descrição das terras hoje sul-mato-grossenses, como também uma vasta representação da geografia e da paisagem através de seus desenhos. Benjamin Constant, em uma de suas cartas descreveu as condições geográficas que encontraram em solo inimigo:

“[...] Não podes fazer idéia dos imensos e variados recursos de que o Paraguai dispõem contra nós. Não falo dos recursos bélicos, que não são muitos, posto que muito bem aproveitados: falo dos recursos naturais. Além de ser o território coberto de matos, de banhados, e de pântanos imensos, temos as epidemias, as águas péssimas, o calor excessivo que queima, que asfixia no verão e o frio que gela no inverno. Não há aqui meio termo. Além disso, reuniram-se aqui numa íntima aliança contra nós todos as pragas do mundo [...]” (Constant *In Lemos*, 1999:96).

Cabe apontar que o exército aliado além de não estar preparado para enfrentar essas adversidades, também não conhecia e tampouco dominava o meio físico-geográfico do território paraguaio.

A análise em torno de algumas passagens das cartas redigidas por Benjamin Constant permite-me constatar e afirmar o quão longe se apresentava o discurso da distante capital carioca, da realidade encontrada por esses militares no teatro de operações.

Tal distanciamento foi percebido e (re) elaborado de formas diferenciadas pelos atores do conflito platino.

(DES) CONSTRUINDO A NAÇÃO

O discurso que transcorreu o século XIX em torno da problemática nacional e da elaboração de um projeto para a nação foi colocado em “xeque” diante do conflito com o Paraguai. Como afirmou Schwarcz: “[...] se a Guerra do Paraguai representa o apogeu do Império de d. Pedro, o momento de maior maturidade, significa também, mesmo que vista de forma retrospectiva, o início da queda” (Schwarcz, 1998:295).

A longa e dispendiosa Guerra movida contra o Paraguai abriu frestas e expôs as contradições que marcavam o reinado de Pedro II.

Os protagonistas, aqui apontados, legaram à posteridade suas impressões acerca da Guerra do Paraguai de acordo com suas crenças. Taunay e Cerqueira, por exemplo, construíram narrativas que contribuíram para criar uma imagem positiva, tanto do Exército, como do Império brasileiro, mesmo após a Proclamação da República. Embora tivessem narrado as dificuldades enfrentadas na campanha paraguaia, contribuíram para a exaltação da Nação. Ambos eram fiéis súditos de Pedro II, e lamentaram sobremaneira a derrocada do Império.

Rebouças e Constant, ao contrário, registraram severas críticas em relação ao andamento do conflito, e da precária estruturação do exército. Não se eximiram de apontar os imprevistos e improvisos a que estiveram sujeitos o exército aliado.

Cabe ao historiador um tratamento adequado dessas fontes, não cometendo o anacronismo, e reconhecendo a “topografia de interesses” e o “lugar social” de que falam esses sujeitos (Cf. Certeau, 1982).

Na obra de Rebouças e, sobretudo na de Constant, aqui analisada, foi possível averiguar a contradição existente no discurso elaborado por uma elite nacional que desejava que se consolidasse uma imagem da nação ligada à civilização, ao progresso e a modernidade, com o atraso e o despreparo militar que caracterizou a campanha desenvolvida contra o Paraguai.

Entretanto, cabe ressaltar, essa elite nacional, incluindo muitos dos protagonistas da Guerra do Paraguai, foi responsável por (re) pensar o destino da nação brasileira e promover projetos que visavam seu “desenvolvimento”. De acordo com Pratt esses projetos “[...] política e ideologicamente [...] envolveu a fundação de uma sociedade e cultura americanas independentes e descolonizadas, ao mesmo tempo em que mantinha valores europeus e supremacia branca” (Pratt, 1999:300).

Nesse sentido, o conflito platino, expôs de forma pontual as diferenças que caracterizavam as diversas regiões brasileiras. Fica claro que o modelo cujo referencial era a capital carioca não se

configurava como uma realidade homogênea, daí a necessidade de se elaborar um discurso, que vem de encontro à análise de Pratt, isto é, que buscasse homogeneizar o progresso, o desenvolvimento e a civilização nos mais remotos “rincões” da nação brasileira. Cabe ressaltar que este desafio perpassou o discurso nacional dos séculos XIX e XX e nos incomoda até os dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, H. K. 1998. Disseminação. O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, p. 198-39.
- CERQUEIRA, E. de C. D. s/d. *Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército.
- CERTEAU, M. de 1982. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- DORATIOTO, F. F. M. 2002. *Maldita Guerra. Nova versão sobre a Guerra do Paraguai*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LEMONS, R. (Org.). 1999. *Cartas da guerra: Benjamin Constant na campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro, IPHAN/Museu Casa de Benjamin Constant.
- MACHADO, M. H. P. T. 1999. O olhar imperial sobre a América. *Anais do XX Simpósio Nacional da Associação Nacional de História*. Florianópolis, ANPUH, p. 437-51.
- PRATT, M. L. 1999. *Os olhos do Império*. relatos de viagem e transculturação. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru, EDUSC.
- REBOUÇAS, A. s/d. *Diário*. A Guerra do Paraguai. Introdução e notas de Maria Odila da Silva Dias. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros da USP.
- SCHWARCZ, L. m. 1998. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SQUINELO, A. P. 2003. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida... Ensino, memória e história de um conflito secular*. 2ª ed. rev. Campo Grande, UCDB.
- . 2001a. As cartas de campanha de Benjamin Constant. *Folha do Povo*, Campo Grande, 17 dez., Opiniões, p. 21.
- . 2001b. As reminiscências de Dionísio Cerqueira. *Folha do Povo*, Campo Grande, 5 nov., Opiniões, p. 21.
- . 2001c. O diário de André Rebouças. *Folha do Povo*, Campo Grande, 3 dez., Opiniões, p. 21.
- . 2001d. Sir. Richard Francis Burton: um inglês nos campos de batalha da Guerra do Paraguai. *Folha do Povo*, Campo Grande, 10 dez., Opiniões, p. 21.
- TAUNAY, A. d'E. 1997. *A Retirada da Laguna*. Episódio da Guerra do Paraguai. Tradução e organização de Sérgio Medeiros. São Paulo, Companhia das Letras.
- . s/d. *Memórias*. São Paulo, Melhoramentos, v. VI.